

A CONFIGURAÇÃO DO CAMPO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: marcas de uma identidade

SETUP OF THE FIELD OF SCIENTIFIC INFORMATION SCIENCE: an identity marks

Gustavo Henrique de Araújo Freire

Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da
Universidade Federal da Paraíba, Brasil.
E-mail: ghafreire@globo.com

Jonathas Luiz Carvalho Silva

Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba.
Professor da Universidade Federal do Ceará – Campos Cariri, Brasil.
Doutorando em Ciência da Informação na Universidade Federal da Bahia, Brasil.
E-mail: jonathascarvalhos@yahoo.com.br

RESUMO: Analisa a identidade da Ciência da Informação por meio de suas perspectivas epistemológicas, visando sua caracterização identitária. Utiliza três pressupostos que compõem discussões acerca do campo da Ciência da Informação: a noção de paradigma, a interdisciplinaridade e o objeto de estudo. Conclui que a noção de paradigma na Ciência da Informação está relacionada a uma polêmica teórica e epistemológica que tem se constituído de uma discussão necessária mas improficua, pois pouco tem contribuído para o fortalecimento epistemológico desse campo científico. Infere, também, que existem três fortes tendências da Ciência da Informação como campo interdisciplinar: a primeira envolve a interdisciplinaridade com a Biblioteconomia, a Documentação e, extensivamente a Arquivologia e Museologia; a segunda aponta para uma interdisciplinaridade com as Ciências Cognitivas, Ciência da Computação, Administração e Comunicação; e a terceira envolve a interdisciplinaridade com a Linguística, a Psicologia, Filosofia e a Sociologia. Finalmente, constata-se que o objeto de estudo da Ciência da Informação é constituído por um conjunto de fatores que variam de acordo com a realidade histórico-social.

Palavras-chave: Ciência da Informação – Paradigmas. Campo científico – Identidade. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT: *Analyzes the identity of Information Science through its epistemological perspectives, aiming the identity. Uses three assumptions that make discussions about the field of information science: the notion of paradigm, interdisciplinarity and the object of study. We conclude that the notion of paradigm in information science is related to a theoretical and epistemological controversy that has constituted a necessary but unprofitable discussion, because little has contributed to the strengthening of this epistemological scientific field. It follows, too, that there are three strong trends of Information Science as an interdisciplinary field: the first involves an interdisciplinary approach with the Library, Documentation and Archival extensively and Museology, the second points to an interdisciplinary approach to the Cognitive Sciences, Computer Science, Administration and Communication, and the third involves interdisciplinarity with linguistics, psychology, philosophy and sociology. Finally, it appears that the object of study of Information Science consists of a set of factors that vary according to the historical and social reality.*

Keywords: *Information Science - Paradigms. Scientific field - Identity. Interdisciplinarity.*

1 Introdução

A partir da origem e da construção do campo científico da Ciência da Informação é possível observar a formação de uma nova discussão relativa à organização do conhecimento. Porém, assim como ocorre no mundo, o Brasil não está isento da discussão sobre a delimitação do objeto de estudo e do campo de atuação acadêmica da Ciência da Informação.

Contudo, percebe-se que os desafios epistemológicos que se apresentam à Ciência da Informação não são fáceis de serem abordados, por diversos motivos tais como: a diversidade de conteúdo, as opiniões diversas dos pesquisadores e grupos de estudo, assim como os investimentos em profissionais e materiais para o desenvolvimento das atividades de organização do conhecimento. Outro fator que pesa, nesse contexto, é o fato de que a Ciência da Informação é uma ciência recente na longa história do conhecimento científico, o que leva a considerarmos que está em construção de teorias para aplicação acadêmica e metodológica.

Recorrer à identidade para conhecer mais sobre a Ciência da Informação é buscar entender a essência de cada passo dessa área. A identidade é fruto de uma “marca estampada” no percurso histórico de qualquer área do conhecimento. Dessa forma é mister reconhecer a importância de se estudar a identidade da Ciência da Informação como forma de refletir sobre os seus construtos teóricos/epistemológicos. Os estudos sobre identidade, assim como a Ciência da Informação, se constituem numa característica do período contemporâneo em um momento onde é fundamental saber quais são as finalidades e os rumos da humanidade, bem como da própria ciência.

A identidade da Ciência da Informação é investigada neste trabalho a partir de três aspectos: a noção de paradigma; a interdisciplinaridade; e

o objeto de estudo. A justificativa para a inserção dessas perspectivas se dá a partir da concepção de que são elementos eminentemente relevantes e para o entendimento sobre os pressupostos epistemológicos da Ciência da Informação.

2 A perspectiva epistemológica da ciência da informação

A caracterização da identidade de uma disciplina do conhecimento científico torna-se mais clara quando o centro da questão é a análise do seu campo científico. Avaliar os procedimentos que implicam a origem da Ciência da Informação viabiliza uma compreensão histórico-social da disciplina na proposição de elementos que foram essenciais para a sua constituição. Perceber a configuração de seu campo científico implica na condição de atestar as marcas essencialistas e não-essentialistas da área para vislumbrar a sua configuração identitária.

Acredita-se que entender a configuração do campo científico de uma disciplina do conhecimento é deliberar propostas sobre sua essência e/ou sobre mecanismos que atestam essa essência. Nesse sentido, González de Gómez (2001, p. 5) considera que

A constituição do campo científico ciência da informação sempre foi uma questão em aberto. Difícil, para muitos; não relevante, para outros; desafiante, para alguns.

Destarte, qual seria a essência da Ciência da Informação? Diante desta citação, algumas percepções iniciais podem ser encontradas.

A primeira é a diversidade de concepções relativas à Ciência da Informação, as quais estão obviamente ligadas aos diversos fatores que deram origem a área. A Ciência da Informação em sua concepção originária recebe influências das disciplinas físicas, biológicas, computacionais, filosóficas, sociológicas e psicológicas, o que

torna o campo eminentemente diverso e às vezes aparentemente sem sentidos epistemologicamente firmes, dada as suas diversas vertentes.

A segunda percepção é crucial para iniciar uma configuração do campo científico da Ciência da Informação, que é o domínio do conhecimento. A autora destaca que significados de conceitos diferentes implicam em domínios de conhecimento diferentes e, por conseguinte, domínios de conhecimento diferentes implicam em campos diferentes. Essa atribuição de origem a diferentes domínios do conhecimento e a falta de teorias sólidas é mencionada por González de Gómez (2000, p. 2), quando diz que “Desde suas primeiras manifestações, apresentava-se, assim, à Ciência da Informação, como conjunto de saberes agregados por questões antes que por teorias”.

Um argumento para essa variedade de vertentes e a deliberada inserção de conceitos implica na primeira configuração científica da Ciência da Informação que o presente trabalho apresenta: o fato deste campo ser considerado uma ciência aplicada, com forte influência da pós-modernidade. Segundo Wersig (1993, p. 229) a Ciência da Informação tem uma configuração pós-moderna:

Tal ciência seria estabelecida como um protótipo de uma ciência nova ou pós-moderna. A ciência pós-moderna não é como as ciências clássicas, dirigidas para a busca do completo entendimento de como o mundo funciona, mas para a necessidade de desenvolver estratégias para resolver em particular aqueles problemas que foram causados pelas ciências e tecnologias clássicas.

Uma questão que Wersig levanta, na citação, é a condição teleológica de um campo do conhecimento. Embora as origens da Ciência da Informação apresentem poucos elementos de consistência epistemológica e sejam constituídas por uma ampla variedade de fatores, a sua finalidade enquanto campo está clara: desenvolver estratégias para resolver problemas de

informação. Atente-se para o fato de que a díade origem-finalidade de uma disciplina científica estão intrinsecamente concatenadas, dado que uma disciplina só tem razão de ser se os seus objetivos, perspectivas e finalidades estiverem bem delineados.

No caso da Ciência da Informação é notável sua configuração como ciência aplicada, no contexto da pós-modernidade, visando a resolução de problemas informacionais. Então, resolver problemas de informação é, sem dúvida, uma marca essencialista da Ciência da Informação. O problema maior, numa perspectiva epistemológica, não é a área receber conceitos, terminologias e metodologias de outras disciplinas e aplicá-las, mas, sim, não desenvolver uma reflexão acurada dos termos originários de outras áreas (informação, conhecimento, representação, gestão, entre outros) que se tornaram essenciais para a construção da identidade de seu campo científico.

Blaise Cronin (2008) entende que os conceitos que compõem o núcleo intelectual do nosso campo não são de propriedade da Ciência da Informação, nem susceptíveis de serem utilizados em uma proposta teórica consistente sem aportes de perspectivas e abordagens adotadas por disciplinas estabelecidas, como a ciência da computação, lingüística, filosofia, psicologia e sociologia, bem como dos campos mais recentes, como as ciências cognitivas e da interação homem-computador. Assim, percebe-se a necessidade, na Ciência da Informação, de promover uma conciliação entre as amplas possibilidades de diálogo científico, seus construtos teóricos e as aplicações terminológicas de outras áreas, pois mesmo com o caráter de ciência aplicada a Ciência da Informação necessita de suas próprias fundamentações. Em outras, palavras necessita fortalecer sua identidade essencialista.

Os problemas epistemológicos da Ciência da Informação não se encontram

na sua finalidade de solucionar problemas informacionais em si, mas em como resolver esses problemas informacionais. Caracterizamos três instrumentos como sendo de ordem sumária para compreender os problemas, reflexões e perspectivas epistemológicas da Ciência da Informação: a condição paradigmática da área, seu caráter interdisciplinar e o seu objeto de estudo.

3 A condição paradigmática da ciência da informação

Um paradigma prevê um conjunto de realizações científicas reconhecidas universalmente durante algum tempo, com vistas ao fornecimento de problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência. Some-se a isso o fato de que a configuração de um paradigma por vir a reunir projetos divergentes de visões de mundo no interior de uma disciplina específica, em determinado momento histórico (KUHN, 1994). Nesse sentido, entende-se a necessidade da construção mais sólida da Ciência da Informação, no que tange a sua maturação científica. Porém, essa construção não pode ser aferida de forma isolada, do contrário não haverá como considerar seus elementos como um paradigma, mas como campos de estudos que se adequam a necessidades tão específicas que se tornaram aceitas ou praticáveis apenas em comunidades particulares.

Wersig (1993, p. 230) trata a noção de paradigma na Ciência da Informação com certa ironia ao destacar:

É dado como fato que há alguma coisa como 'informação' que é necessária e que eles se oferecem para solucionar o problema. Mas argumenta que "as organizações sociais e os sistemas tecnológicos sempre apareceram na sociedade como soluções a necessidades a serem atendidas [...], mas nunca se constituíram em ciências no sentido tradicional.

Esta talvez seja a razão por que os cientistas da informação sintam tanta urgência em ter um paradigma nas mãos para demonstrar sua maturidade científica.

Assim, a condição paradigmática da Ciência da Informação envolve um conjunto de problemáticas que estão diretamente relacionadas as suas origens, recebendo influências diversas, com prognósticos fragmentados interferindo na construção de um paradigma.

Por mais que a Biblioteconomia e a Documentação tenham influenciado na origem da Ciência da Informação, ambas não foram tratadas como disciplinas científicas. É pertinente considerar que a Biblioteconomia e a Documentação surgem como campos normativos de construção do conhecimento. Como campos normativos, demandam uma concepção tecnológica que poderia engendrar um campo científico, mas que estão voltadas para contextos específicos e não para uma elucidação dos problemas informacionais.

Vale ressaltar que a Ciência da Informação surge em um momento em que as incertezas, a diversidade e a subjetividade do pensamento científico estavam em franca ascendência, implicando afirmar que as diversas influências presentes na origem da Ciência da Informação (Biblioteconomia, Documentação, Ciências Cognitivas, Recuperação de Informação, Teorias Matemática e Sistêmica da Informação, entre outras) se constituíram em áreas diferenciadas, dificultando uma concepção global da informação e, por conseguinte, a construção de uma epistemologia na Ciência da Informação. Nesse sentido, é comum ver estudos que conotam a Ciência da Informação e a Biblioteconomia como campos idênticos, como apontam Mostafa, Lima e Maranon (1992). Entretanto, há autores que colocam que a Ciência da Informação não contempla apenas a biblioteca e os usuários da informação, mas também estudos do fluxo da

informação, estudos das conseqüências sociais das tecnologias da informação e estudos sobre a produção de conhecimento (WERSIG, 1993; SARACEVIC, 1996).

Esta falta de consenso epistemológico tem relação imanente com as correntes que influenciaram na construção da Ciência da Informação. Com relação a corrente que considera a Biblioteconomia e a Ciência da Informação como campos idênticos, Mostafa, Lima e Maranon (1992, p. 216) afirmam:

Sociologia e Psicologia são as duas áreas de conhecimento em que a Biblioteconomia e Ciência da Informação vão buscar referencial não só teórico, mas também prático para realizar algumas de suas descobertas. [...] Em linhas gerais, podemos considerar que funcionalismo virou sinônimo de Sociologia, tanto quanto behaviorismo virou sinônimo de Psicologia, pois o funcionalismo e o behaviorismo são vertentes dominantes ou hegemônicas nas suas respectivas ciências. Não é por acaso que as pesquisas em Biblioteconomia e Ciência da Informação estão impregnadas desses referenciais.

Os autores entendem que o Funcionalismo e o Behaviorismo não são as únicas correntes que influenciam a Biblioteconomia/Ciência da Informação, mas entendem que se configuram como dominantes. O funcionalismo, relativo à biblioteca, e o Behaviorismo, relativo aos estudos de comportamento do usuário, são atributos de uma teoria empiricista-positivista que está preocupada com o caráter factual da realidade informacional e não com seu caráter crítico-historicista. E embora a Sociologia e a Psicologia tenham suas próprias 'batalhas epistemológicas', as correntes do Funcionalismo e do Behaviorismo não são antagônicas, mas se complementam enquanto campo teórico-prático na Biblioteconomia e Ciência da Informação. Mas, por dois motivos é inviável caracterizar esta corrente como um paradigma: o primeiro pelo fato de que a corrente que define a Biblioteconomia e a Ciência da Informação como campos idênticos está de ter uma aceitação global;

e o segundo, em virtude de que Funcionalismo e Behaviorismo não indicam ruptura para consagração construtiva de correntes teóricas, mas indicam uma relação complementar.

A corrente que defende a Ciência da Informação como autônoma com relação a Biblioteconomia não difere muito da anterior, pois também possui um caráter positivista. A diferença é que a primeira corrente adota a perspectiva de uma Ciência da Informação mais institucionalizada, enquanto a segunda acredita que, enquanto ciência que estuda problemas de informação e se caracteriza como pós-moderna, a Ciência da Informação se apresenta como campo advindo de muitas outras disciplinas, demandando a construção de um fundamento teórico que lhe permita lidar com os problemas de informação (WERSIG, 1993).

Desse modo, a noção de paradigma propalada por Kunh (1994) não é expressamente aplicável aos construtos teórico-epistemológicos da Ciência da Informação. Nesse contexto, seria possível afirmar que a Ciência da Informação ainda possui uma configuração pré-paradigmática, seja por não conceber uma teoria profunda universalmente aceita ou pelo fato de não ter uma origem bem definida, o que interfere na composição e utilização de teorias. Porém, em uma condição pré-paradigmática a Ciência da Informação consegue aplicar conhecimentos e teorias de outras disciplinas em seu campo epistemológico, o que favorece a ampliação de diálogos interdisciplinares.

Então, temos que o contexto paradigmático da Ciência da Informação está diretamente associado à contribuições de outras disciplinas. Esta concepção pré-paradigmática da Ciência da Informação pode ser constatada em dois contextos. O primeiro é abordado nos estudos de Capurro (2003) para a Ciência da Informação, quando o autor define um esquema constando de três paradigmas: físico, cognitivo e social. O

paradigma físico baseia-se na existência de um objeto físico (informação) que é transferido de um emissor para um receptor, por meio de um canal. A fundamentação desse paradigma está nas obras de Wiener e Shannon e o período histórico compreendido é de 1945 a 1960. Informação, nesse contexto, deve ser compreendida como sinal que é transmitido de um ponto a outro em um sistema. É nesse paradigma que se inserem o conceito e as práticas dos sistemas de recuperação da informação.

Já o paradigma cognitivo foi influenciado por Karl Popper e seu modelo foi proposto por Brookes. Nessa perspectiva, o terceiro mundo de Popper é o mundo do conhecimento objetivo, lugar das teorias científicas. O usuário é um sujeito conhecedor que usa seus modelos mentais no processo de recepção da informação, a qual pode ser alterada, no processo, para emergir em outro estágio de conhecimento. Por sua vez, o paradigma social recebeu influência de filósofos como Wittgenstein, Heidegger e Foucault e foi desenvolvido por Birger Hjørland, em cooperação com Hanne Albrechtsen. O paradigma social mostra que os campos cognitivos sensitivos, de recepção e de interpretação estão diretamente relacionados aos contatos com as comunidades e os grupos sociais que constituem a sociedade (CAPURRO, 2003).

Observa-se que a noção de paradigma apresentada por Capurro (2003) não apresenta compatibilidade com o modelo proposto por Kuhn, pois o que o autor chama de 'paradigma' está associado à noção de abordagem composta por teorias ou reflexões desenvolvidas por estudiosos de outras áreas. Ainda vale destacar que os paradigmas físico, cognitivo e social não apresentam uma idéia de ruptura teórico-epistemológicas, mas de complementação. Nesse sentido, os paradigmas propalados por Capurro tentam criar um complemento ao modelo original, visto que o paradigma físico

aborda a tecnologia, o cognitivo aborda o usuário no contexto tecnológico e o social averigua o contexto social da informação. Vale ressaltar que a polêmica teórica sobre o uso do termo 'paradigma' tem se constituído em discussão necessária mas, de certa forma, improfícua para a Ciência da Informação, tendo contribuído muito pouco para o fortalecimento epistemológico da disciplina.

Entende-se que a construção identitária da Ciência da Informação tem passado pela inserção de muitas terminologias sem muita consistência reflexiva, fragmentando a identidade da área. Neste caso, adentra-se no segundo instrumento proposto neste trabalho, que é o processo de disciplinarização da Ciência da Informação ou, de forma mais específica, da constituição de sua interdisciplinaridade.

4 A interdisciplinaridade entre a ciência da informação e a biblioteconomia

Interdisciplinaridade é um termo que vem causando polêmica, ao mesmo tempo em que ganha espaço nos debates, principalmente nas universidades. Inicialmente, percebe-se que discutir ou buscar uma definição para o termo não é uma tarefa simples, já que sua realidade se configura como algo complexo e muito interpretativo. Destarte, falar em interdisciplinaridade é recorrer a noção de disciplina.

De acordo com Japiassu (1976, p. 61) a disciplina é uma "progressiva exploração científica especializada numa certa área ou domínio homogêneo de estudo". Isso implica em estabelecer e definir fronteiras, partindo da determinação de seus objetos de estudo, de seus métodos e sistemas, bem como de seus conceitos e teorias. Dessa forma podemos considerar que a interdisciplinaridade deve se constituir em uma prática de ação coletiva,

onde a máxima é explorar amplamente o objeto de estudo, sob diversas visões, promovendo também uma interação entre as disciplinas para concretizar a ampliação dos estudos. Ainda segundo o autor, à interdisciplinaridade faz-se mister a intercomunicação entre as disciplinas, de modo que resulte numa modificação entre elas, através de diálogo compreensível, uma vez que a simples troca de informações entre organizações disciplinares não constitui um método interdisciplinar.

Na Ciência da Informação a interdisciplinaridade tem sido marcadamente comentada e estudada como uma das características inerentes a sua configuração epistemológica. A ênfase na interdisciplinaridade da Ciência da Informação ocorreu em um momento em que a noção do que se conceitua como ‘interdisciplinar’ ganhou grandes proporções. A prova dessa ênfase na interdisciplinaridade no meio acadêmico pode ser encontrada no movimento de professores e estudantes que começa a se formar a partir de meados da década de 1960 na Europa (principalmente na França e Itália), onde as discussões giravam em torno de uma nova proposta para a educação.¹ Assim, Ciência da Informação e interdisciplinaridade nascem como conceitos intrínsecos, pois enquanto a primeira está voltada para solução de problemas informacionais, a segunda se configura como instrumento de pesquisa para promover o desenvolvimento da educação e da ciência através da interação e do crescimento recíproco de duas ou mais disciplinas científicas.

1 Exigiam um novo estatuto para a universidade e para a escola, bem como não aceitavam a proposta de conhecimento que fomentava o aprendizado do aluno numa perspectiva limitada e ainda, por meio de Georges Gusdorf, estruturaram um projeto para aproximar as pesquisas das áreas de ciências humanas, voltando-se essencialmente para a unidade humana (FAZENDA, 1994).

Reconhecendo a Ciência da Informação como interdisciplinar podemos nos perguntar: como ocorre essa interdisciplinaridade? Talvez possamos vislumbrá-la, como propõe Japiassu (1976), a partir da observação da interdisciplinaridade como fenômeno de ação recíproca, que busca a modificação das disciplinas envolvidas a partir do compartilhamento de objetivos, faz-se necessário verificar o cunho interdisciplinar da Ciência da Informação.

Reconhece-se que existem fortes indícios da Ciência da Informação como campo interdisciplinar, porque se utiliza dos conhecimentos gerados no âmbito de diferentes disciplinas, configurando-se como tendências²: a primeira envolve a interdisciplinaridade com a Biblioteconomia, a Documentação e, extensivamente, a Arquivologia e Museologia; a segunda tendência de uma interdisciplinaridade da Ciência da Informação é identificada com as Ciências Cognitivas (contextualizada com a Psicologia e a Linguística); a terceira, com a Computação; a quarta, com a Comunicação; a quinta envolve a interdisciplinaridade com a Filosofia; a sexta, com Sociologia; e a sétima com a Administração e Economia.

Essas percepções interdisciplinares contemplam o conceito de Borko (1968), quando fala que a Ciência da Informação possui um componente de ciência pura voltada para as pesquisas sobre fundamentos e um componente de ciência aplicada no desenvolvimento de produtos e serviços. Vale ressaltar que o nível de interdisciplinaridade da Ciência da Informação vai variar de acordo com as necessidades técnicas,

2 A utilização do termo “tendências” significa dizer que a interdisciplinaridade na Ciência da Informação não deve ser vista como um fenômeno natural e global que ocorre de qualquer forma e em qualquer contexto. Essas tendências são possibilidades de integração disciplinar que a Ciência da Informação pode estabelecer, dependendo de sua realidade acadêmica, científica, geográfica, social, política e cultural.

científicas, sociais e profissionais, bem como de acordo com o contexto regional, nacional ou global, mais intimamente com a Biblioteconomia e a Documentação. Pinheiro (1999, p.175-176), observando os estudos sobre interdisciplinaridade no campo da Ciência da Informação considera que “[...] a Ciência da Informação incorpora muito mais contribuições de outras áreas, do que transfere para essas um corpo de conhecimentos gerados dentro de si mesma”.

No presente trabalho, destaca-se a interdisciplinaridade da Ciência da Informação com a Biblioteconomia, de sorte que permite de forma mais efetiva pensar o processo de percepções identitárias institucionais no âmbito acadêmico-científico.

Entende-se que a Ciência da Informação e a Biblioteconomia possuem uma relação interdisciplinar, pois seus campos epistemológicos, sociais e profissionais crescem reciprocamente. Vale salientar que em muitos casos existe uma relação institucional entre Biblioteconomia, Documentação, Arquivologia e Museologia com a Ciência da Informação, que se aplica desde o contexto da graduação até as pós-graduações *lato sensu e stricto sensu*.

Com efeito, chega-se ao ponto de refletir sobre a interdisciplinaridade da Ciência da Informação em uma tessitura disciplinar e institucional na construção de sua identidade. Um dos principais pontos da institucionalidade científica reside na disciplinarização da Ciência da Informação. Nehmy (1996, p. 23) argumenta que:

Outro ponto semelhante ao da trajetória das ciências sociais que pode servir como referência para análise é o da institucionalização disciplinar. Na realidade a ciência da informação, enquanto uma área derivada da biblioteconomia ou como uma área autônoma, se institucionalizou também antes de obter o estatuto de cientificidade ou de ter alcançado a maturidade científica. Mas as condições especiais em que ocorre sua institucionalização devem ser pesadas para melhor compreensão da questão. As ciências sociais tiveram uma experiência de institucionalização através de uma crescente especialização de suas disciplinas – a sociologia, a economia, a ciência

política e a antropologia – formando assim comunidades específicas de pesquisadores. A ciência da informação segue o caminho inverso, constituindo-se como especialidade acadêmica a partir da formação pós-graduada de profissionais de variadas origens. Se a departamentalização das ciências sociais se dá por especialização, favorecendo a não existência de consenso entre seus praticantes, vamos dizer assim, maduros, na ciência da informação esta ausência já está colocada pelos iniciantes dessa disciplina que chegam ao campo já socializados como profissionais de outras áreas de atuação.

O comentário do autor é pertinente, pois focaliza o nicho teórico de uma área de acordo com sua generalidade ou especificidade. É comum, por exemplo, cursos de graduação em Ciências Sociais, que engloba Ciência Política, Sociologia e Antropologia, e a pós-graduação ocorre com especialidade em um dos três campos. Essa especialidade na pós-graduação, em sua maioria, é constituída por profissionais dessas três disciplinas que já tem uma visão relativamente acurada dos pressupostos pregados pela área. A Ciência da Informação já segue o caminho disciplinar inverso. Na graduação está disciplinarizada nos cursos de Biblioteconomia (mais comum), Arquivologia e, em casos bem específicos, Museologia e Gestão da Informação.

A elucidação para este caso reside na finalidade científica. As Ciências Sociais que contemplam Ciência Política, Sociologia e Antropologia estão voltadas para o entendimento do mundo, o se configura em uma ciência clássica, eminentemente reflexiva. Já a Ciência da Informação, como ciência aplicada, possui a finalidade de resolver problemas de informação. Então, a sua relação com a Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia demanda um caráter disciplinar institucional, voltado para um processo de aplicação profissional. Por essa relação disciplinar e interdisciplinar, Ciência da Informação e Biblioteconomia possuem grande contigüidade técnica e epistemológica. É preciso considerar que a Ciência da Informação é um

campo mais amplo que a Biblioteconomia, logo estão norteados por questões diferentes. Porém, falar em diferença não quer dizer que não possuam uma relação muito contígua.

Ademais, podemos afirmar que a marca interdisciplinar entre Ciência da Informação e Biblioteconomia (com extensividade à Arquivologia e Museologia) é a interdisciplinaridade unificadora, uma das modalidades propostas por Heckhausen (1972). Conforme o autor esclarece, a interdisciplinaridade unificadora procede de uma coerência estreita dos domínios do estudo das disciplinas que resulta de uma aproximação dos níveis de integração teórica e dos métodos correspondentes. Ponderamos uma interdisciplinaridade unificadora entre a Ciência da Informação e a Biblioteconomia, pois seus campos teórico, epistemológico e metodológico possuem efetiva integração interna, assim como se apropriam de princípios e metodologias de outras áreas de conhecimento aferindo um processo de modificação estrutural e recíproca.

Podemos conceber também um processo de interdisciplinaridade linear. Conforme Boisot (1972) a interdisciplinaridade linear ocorre quando uma lei de uma disciplina transfere-se para outra através de um processo de extensão. A relação disciplinar fortalece a identidade institucional da Ciência da Informação, mas não necessariamente fortalece sua identidade epistemológica. Para tanto, é preciso pensar no terceiro instrumento destacado nesta discussão para configuração do campo científico, qual seja o objeto de estudo da Ciência da Informação.

5 O objeto de estudo da ciência da informação

O que significa o termo “objeto de estudo”? Conceitualmente falando, o objeto de estudo significa uma marca apresentada por uma dada

ciência e que a caracteriza essencialmente. O objeto de estudo define o processo de atuação científica do campo do conhecimento e profissional das disciplinas que o integram. Comumente o objeto de estudo define condições específicas e autênticas de atuação de uma área.

É importante ressaltar que os objetos de estudo científico variam de acordo com o contexto histórico da humanidade. As ciências sociais surgidas do século XIX e XX romperam com a construção dos objetos científicos da Idade Moderna. Era comum os objetos da modernidade serem construídos sob uma visão muito empirista, visando a comprovação absoluta baseada no senso comum. Já os objetos das ciências contemporâneas primam pela valorização do espírito científico e da relatividade da ação científica.

O filósofo Gaston Bachelard (1968) considera que o objeto científico tem duas marcas principais: a primeira é que o objeto não é dado pela natureza, mas desenvolvido pela ciência; a segunda é que este objeto está em constante mudança a partir de sua relação com outros conceitos, objetos e métodos. O autor não somente rompe com a idéia cartesiana como lança mão de novas propostas de metodologias. É importante ressaltar que com essa postura o filósofo não pretende descartar as idéias de metodologia, mas busca diferenciar o rigor científico do rigor metodológico, pois as metodologias devem crescer e variar conforme a exigência do objeto. Com a proposição de um objeto que deve ser construído e relacionado a outros conceitos, objetos e propostas metodológicas, Bachelard (1977) busca a superação do empirismo através do termo chamado “racionalismo aplicado”. Este racionalismo aplicado se constitui na aplicação de teorias na realidade objetiva, que o filósofo chama de vetor epistemológico. Esse vetor epistemológico tem seu percurso do racional

para o real, isto é, parte do teórico para os fatos e as experiências

Esta fala sobre a filosofia bachelardiana, principalmente no que tange ao racionalismo aplicado, é relevante para a compreensão do objeto da Ciência da Informação. É sabido que a Ciência da Informação, como instrumento de ciência aplicada, necessita da construção de um objeto que valorize os construtos teóricos para aplicação a realidade objetiva. Assim, é necessária uma atenção especial na configuração do objeto da Ciência da Informação, pois se trata de um terreno bastante escorregadio e arenoso. Seria coerente afirmar que o objeto de estudo da Ciência da Informação é a informação? A pergunta se justifica pelo fato de que a informação, como um fenômeno cheio de significados e sentidos, está relacionada a diversos contextos científicos ou não. É necessário compreender alguns contextos da informação e sua verificação epistemológica na Ciência da Informação.

Entende-se que a informação esteve presente desde os primórdios da humanidade, tendo significativa função na formação e desenvolvimento das culturas e identidades de grupos, indivíduos, comunidades e nações, atuando juntamente com a linguagem e a comunicação, visando dotar os conteúdos de sentido. Em outras palavras, o conceito de informação remonta à Antiguidade (sua origem prende-se ao latim *informare*: dar forma a). Porém, o termo sofreu, ao longo da história, tantas modificações em sua acepção, que na atualidade seu sentido está carregado de ambigüidade: confundido freqüentemente com comunicação, outras tantas com dado, em menor intensidade com instrução, mais recentemente com conhecimento (CARDOSO, 1996).

Para analisar as origens do termo informação e a sua manifestação nos diversos períodos, tomamos como base o texto de Capurro e Hjørland (2007) que aborda o conceito de

informação. Os autores atestam que o prefixo *in* em seu sentido latino tem duas acepções: o significado de negação, como em *informis* ou *informitas*, e também o ato de dar forma a alguma coisa, sendo mais provável concebê-lo na segunda acepção. Atesta-se a observância de manipulação informacional e ideológico-cultural na Antiguidade, quando a informação estava diretamente ligada ao poder bélico, implicando afirmar que quem se estruturasse mais adequadamente para tal tarefa através de um sistema estratégico de informações, certamente obteria o poder político, econômico, territorial e até cultural. No período denominado de Antiguidade Clássica, especificamente na Grécia, o caráter informacional que preponderava era um conjunto de leis que definiam a democracia, sendo rigorosamente obedecidas pela maioria e formatando o indivíduo daquele período.

Na Idade Média ocorre a influência marcante da Igreja, que projetava a sua informação na ideologia divina e, ao mesmo tempo, forjava com isso a busca pelo poder político e econômico. Já na Idade Moderna (a partir do século XVI), a informação ganha um novo caráter, visto que a ideologia da identidade informacional se desloca do princípio divino para o do homem (mudança do teocentrismo para o antropocentrismo). Podem ser destacados, como aceleradores da produção informacional, o advento da imprensa, criada por Gutenberg, e o advento do Estado, destacado por Maquiavel. Esses acontecimentos podem ser marcados como os primeiros passos da Revolução Científica-informacional que seria expressamente notada no século XIX.

O século XX tenta catalisar toda a efervescência científica e industrial, visando oferecer maior disseminação e acesso a informação para a população. Porém, a idéia de aliar a informação ao contexto das questões sociais e econômicas se torna bem mais presente

dentro das grandes organizações econômicas, tais como empresas, bancos, grupos estatais dentre outros. Com efeito, um fator ganha efetiva importância no contexto da informação, que é a tecnologia, já aplicada na modernidade, mas amplamente difundida no século XX, especialmente a tecnologia digital.

Diante dessa breve trajetória do termo informação baseada no trabalho de Capurro e Hjørland (2007) podemos identificar duas características marcantes: a primeira é que a informação é comumente ligada à noção de poder em diversas esferas (políticas, religiosas, intelectual, econômica, etc.); e a segunda, é que a informação, embora presente durante a história da humanidade, passa a ter destaque no contexto científico nos séculos XX e XXI. Vale destacar que no século XX a informação adquire espaço destacado nas ciências naturais, humanas e sociais. Capurro (1978) acredita que através da mediação da cibernética e da ciência da computação, ocorreu uma infiltração inflacionária desse termo em muitas ciências (por exemplo, física, biologia, psicologia, sociologia).

Então, se a informação passa a ter um espaço marcante em muitas outras disciplinas é inviável considerar que o objeto de estudo da Ciência da Informação é simplesmente a informação, uma vez que não seria exclusividade desta disciplina o estudo sobre o termo. Entende-se que a matéria prima da Ciência da Informação é a informação, mas é necessário atribuir uma estrutura teórica de significado ao termo ou um conjunto de características próprias que delimitem o objeto ou domínio informação na Ciência da Informação (BARRETO, 1994). González de Gómez (1990, p. 121) busca constituir um domínio da informação na Ciência da Informação:

Esse 'ponto de vista' não teria como objeto a informação e suas especificações, mas antes as pragmáticas sociais de informação, ou, dito em

termos mais frequentes, a meta-informação e suas relações com a informação. Esse 'objeto' da Ciência da Informação não seria logo uma 'coisa' ou uma 'essência' de uma região de fenômenos, mas um conjunto de regras e relações tecidas entre agentes, processos e produções simbólicas e materiais. É a possibilidade de realizar 'ações de segundo grau' o que denominamos 'ações de informação' sobre processos de comunicação e conhecimento, o que é inicialmente tematizado na constituição de uma área de estudo em torno da informação.

Comprova-se o caráter aplicado da Ciência da Informação a partir do momento em que o seu objeto não é a informação em si, mas as suas condições pragmáticas sociais que necessitem de um contexto de organização, difusão e promoção de acesso à informação em meio digital ou impresso, em biblioteca, arquivo, museu ou outro tipo de centro de informação. Isso significa que a Ciência da Informação depende de outras ciências para construir suas condições teleológicas, bem como trabalha com meta-informação, que não é considerada uma essência, mas, sim, um conjunto de relações entre agentes, processos e produções simbólicas e materiais. A Ciência da Informação focaliza os contextos das ações de informação que podem ser consideradas ações de segundo grau, visando compreender os fluxos de informação e a representação do conhecimento que se desdobra em diversas atividades de informação culturais, educacionais, econômicas, políticas, ambientais e de qualquer esfera da vida humana, profissional e científica.

Em suma, o objeto da Ciência da Informação é um tanto quanto fragmentado, pois vai depender do contexto histórico-social ao qual será submetido comprovando que a marca da identidade não-essencialista é crucial para o desenvolvimento deste campo do conhecimento.

A grande desvantagem é que esta constituição meta-informacional do objeto da Ciência da Informação proporciona uma onda de fragmentação no corpo científico da área. Como afirmam Kobashi, Smit e Tálamo (2001, p.

4), “De fato, em Ciência da Informação, por falta de uma avaliação crítica da trajetória percorrida, encontramos-nos diante de uma infinidade de práticas sem que se possa construir teorias a partir destas práticas”. Cria-se uma espécie de que tudo cabe, ou serve para a Ciência da Informação dificultando a consagração de teorias e a conseqüente construção do objeto de estudo.

Em termos identitários, a argumentação de Habermas (1990, p. 50) é muito pertinente quando notifica que a identidade não apresenta somente um sentido descritivo, mas

Ela indica uma organização simbólica do Eu, que, por um lado, reclama para si exemplaridade universal, sendo situada nas estruturas dos processos formativos em geral e tornando possíveis soluções ótimas para os problemas da ação, os quais reaparecem invariavelmente nas diversas culturas, e por outro lado, uma organização autônoma do Eu não se instaura absolutamente de modo singular, quase como um resultado de processos naturais de amadurecimento, mas termina por ser, na maioria dos casos, um objetivo não alcançado.

Aplicando à Ciência da Informação, é como se fosse um Eu que apresenta um conjunto de semelhanças com áreas diversas a partir das suas interações, visando aplicar o que foi apreendido com essas interações em seu campo científico. Este Eu busca uma exemplaridade universal para resolver problemas de informação a partir das suas ações informacionais.

O problema é que, na maioria dos casos, a percepção de uma exemplaridade universal não é alcançada em virtude de que a configuração científica adotada pela Ciência da Informação indica interações tão diversas e fragmentadas, que as manifestações meta-informacionais da área atuam de modo específico em um contexto cultural estabelecido com uma tonalidade de subjetividade que constrói a identidade da área.

Finalmente, podemos afirmar que o campo científico da Ciência da Informação é composto por uma variedade de percepções. Essa

composição científica da Ciência da Informação é repleta de marcas não-essencialistas que se incorporam a ela, haja vista que a origem deste campo é baseada por teorias e percepções advindas de áreas diferentes, porém, similares.

6 Considerações finais

O presente trabalho destacou a configuração do campo científico da Ciência da Informação e procurou utilizar o termo configuração, por implicar na composição de características identitárias que deram vazão ao advento da Ciência da Informação e a composição do seu campo científico. Como a quantidade e complexidade de fenômenos que contribuíram para o advento e a construção da Ciência da Informação foram expressivas, entende-se que o termo configuração seja mais pertinente à proposta e desenvolvimento do trabalho.

Compreende-se que o campo científico da Ciência da Informação perpassa por três fatores: a noção de paradigma; interdisciplinaridade e objeto de estudo.

O trabalho constatou, com relação ao termo “paradigma” na Ciência da Informação, que o mesmo está relacionado a uma polêmica teórica e epistemológica, aferindo que tem se constituído de uma discussão necessária, mas pouco produtiva para a Ciência da Informação, implicando afirmar que a construção identitária da Ciência da Informação tem passado pela inserção de muitas terminologias sem a necessária consistência reflexiva e aplicativa, fragmentando a identidade da área.

Já no que tange à interdisciplinaridade, é possível observar que nasce juntamente com a Ciência da Informação, como conceitos intrínsecos. Constatamos que existem várias tendências da Ciência da Informação como campo interdisciplinar, porque se utiliza dos conhecimentos gerados no âmbito de diferentes

disciplinas. Percebe-se que em termos de uma interdisciplinaridade institucionalizada, a Ciência da Informação se estabelece com a Biblioteconomia e extensivamente a Arquivologia e Museologia.

Com relação ao objeto de estudo, trata-se de discussão bastante complexa e arenosa, porém necessária. Atenta-se para o fato de ser muito difícil conceber o objeto de estudo da Ciência da Informação, considerando que apenas o termo “informação”, de forma isolada, não é suficientemente capaz de ser compreendido como objeto de estudo de um campo do conhecimento. Assim, é necessário reconhecer que a Ciência da Informação focaliza os contextos das ações de informação que podem ser consideradas ações de segundo grau, visando compreender os fluxos de informação e a representação do conhecimento que se desdobra em diversas atividades de informação culturais, educacionais, econômicas, políticas, ambientais e de qualquer esfera da vida humana, profissional e científica.

Acredita-se que o objeto de estudo da Ciência da Informação é constituído por um conjunto de fatores que estão fragmentados, pois varia de acordo com a realidade histórico-social. Assim, o objeto da Ciência da Informação é norteado por três fatores fundamentais:

- a) O seu significado epistêmico, enquanto valor de interpretação e construção conceitual e social;
- b) A relação entre informação e seus processos que se configuram como construtos para uma efetiva concatenação entre teoria e prática;
- c) a inerência de um objeto constituído a partir de uma identidade interseccional.³

3 Essa identidade pode ser configurada quando há uma relação efetiva entre determinados campos do conhecimento que possuem ampla complementaridade

Diante da revelância atribuída à noção de paradigma, interdisciplinaridade e o objeto de estudo da Ciência da Informação, podemos afirmar que este campo do conhecimento possui um conjunto de marcas identitárias não-essencialistas, o que implica afirmar que essa identidade não-essencialista é que movimenta os construtos teóricos e epistemológicos deste campo do conhecimento. Trata-se de identidade em processo de construção, um campo científico em desenvolvimento e uma epistemologia que está a fazer-se na tessitura da rede interdisciplinar necessária para capturar o fenômeno “informação”, na complexa sociedade humana.

Referências

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1968.

BACHELARD, G. **O racionalismo aplicado**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BARRETO, A. de A. A questão da informação. **São Paulo em Perspectiva**, v.8, n.4, out./dez. 1994.

BOISOT, M. Discipline et interdisciplinarité. In: **L'interdisciplinarité: Problèmes d'enseignement et de recherche dans les Universités**, pp. 90-97. Paris: UNESCO/OCDE, 1972

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: V ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., Belo Horizonte, 2003. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003.

_____.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.12, n.1, 2007.

CARDOSO, A. M. P. Retomando possibilidades conceituais: uma contribuição à sistematização do

e, principalmente, quando não é possível claramente identificar os limites entre uma e outra.

campo da informação social. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 107-114, jul./dez. 1994.

CRONIN, B. The Sociological Information Science. **Journal of Information Science**, August, vol. 34, n. 4, p. 465-475, 2008.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 1994. 143p.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Para uma reflexão epistemológica acerca da ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p.5-18, jan./jun. 2001.

_____. Metodologia de pesquisa no campo da ciência da informação. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, v. 1, n. 6, dez. 2000. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez00/F_I_aut.htm>. Acesso em: 21 jan. 2011.

_____. O objeto de estudo da Ciência da Informação: paradoxos e desafios. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 19, n. 2, p.117-122, jul./dez. 1990.

HABERMAS, J. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

HECKHAUSEN, H. Discipline et interdisciplinarité. In: **L'interdisciplinarité: Problèmes d'enseignement et de recherche dans les Universités**, pp. 83-90. Paris: UNESCO/OCDE, 1972.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 221p.

KOBASHI, N. Y.; SMIT, J. W.; TÁLAMO, M. de F. A função da terminologia na construção do objeto da ciência da informação. **DataGramZero – Revista de Ciência da Informação**, v. 2, n. 2, abr. 2001. Disponível em: <www.dgzero.org> Acesso em: 26 jan. 2011.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5ª Ed.- Trad.- Beatriz V. Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva S.A., 2000. (Coleção debates, 115).

MOSTAFA, S.P.; LIMA, A.B.A.; MARANON, E.I.M. Paradigmas teóricos da biblioteconomia e ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 21, n.3, p. 216-222, set./dez.1992.

NEHMY, R. et al. A ciência da informação como disciplina científica. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 9-25, jan./jun. 1996.

PINHEIRO, L. V. R. **Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes**. In: **Ciência da Informação, Ciências Sociais e interdisciplinaridade**. Brasília: IBICT/DEP/DDI, 1999. p.155 – 178.

WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing & Management**, v.29, n.2, p.229-239, 1993.